



# Palavra

Editor responsável, ANTONIO PACHECO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Praça da Batalha, 115—PORTO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

Condições d'assignatura

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.



Argus sem olhos, cerberos sem faro.  
Com habeis interrogatorios de cacete, levam—às vezes—o criminoso á confissão do crime; e com ardilosas investigações tambem encontram os roubos... empenhados.  
São tão genuos os larapios para policia tão astuta...

## Politica



**O**S distinctissimos cavalheiros que, em vez de fazerem colheres ou pinos para sapateiro, passam a vida a tocar a nora do rotativismo indigena, acompanhados por alguns que se não dedicam a este salutar sport, consagraram os seus lazares, durante esta quinzena que acaba de dar o triste e medonhento pio no quadrante dos tempos (Irra, que estylo tão catita!) ao estudo e discussão d'um contracto feito pelo nosso marinheiro Soisa, governante da marinha e ultramar, com o bife Robert Williams, para a construcção do caminho de ferro de Benguella.

Claro como agua de Vidago que os leitores amigos estão todos á espera d'O Petardo, como os judeus esperam a vinda de Christo, para a nossa gazeta lhes dizer, tim-tim por tim-tim, o que é o tal contracto, se é coisa que nos renda cobres, se nós fomos comidos pelo inglez ou se fomos nós quem comeu o bife.

Podíamos pôr tudo em pratos limpos, porque—áparte a modestia!—percebemos um pouquinho mais d'isso do que a grande parte d'esses arengadores de má morte que para ahí tem discutido o contracto sem o terem lido e estudado, e sem, portanto, pescarem nada d'essa regedoria. Mas não queremos, para que não nos chamem vaidosos. Só desenvolveremos a nossa opinião se o paiz, abanado com a cornucopia de sciencia diffusa e d'infusa dos africanistas de pé quebrado, que para ahí acabam de reventar por toda a parte como tortulhos em montureira, nos chamar para—*solemmia verbal*—dizermos a ultima palavra sobre a materia. Só, pois, com a condição de que—*Petardo* fala e todas as bestas emmudecem—é que nos disporemos a dizer ao paiz o que a nossa lucilantissima intelligencia pensa e tem philosophado sobre o mofino e mofento caso. Sem isso, não vale nada, ainda que nos fritem em azeite d'oleo de bacalhau.

Mas, porque nós façamos monopolio da nossa opinião, por não estarmos dispostos a gastar cera com ruins defunctos, os leitores não devem ficar privados de saber o que se passa no mundo lusitano sobre o contracto. Vão conhecê-lo, porque, desejando servil-os bem, escrevemos um bilhete postal ás altas summidades politicas e letristas de Portugal—com as quaes nos tratamos por tu—pedindo-lhes que, em meia duzia de palavras, nos dissessem as suas impressões sobre a tal coisa. Eis as respostas que recebemos, as quaes são d'um valor incalculavel para a apreciação da questão:

Ainda estou com as vindimas. Terminadas, pedirei ao Alpoim que me leia o contracto. —*Zé Luciano*.

Uma maravilha! uma maravilha! uma maravilha! —*Hint-Zé*.

Estamos irremediavelmente perdidos! Não ha ahí um homem da minha coragem que a mim se una para esmagar a cabeça d'este Soisa-Miguel-de-Vanconcellos? —*João Franco*.

E' isto que os senhores estão vendo! Quando eu estou fóra do poder, não ha nem um só estadista que não venda a patria ao estrangeiro! —*Zé Dias*.

O Soisa sempre ha de mostrar que é filho das minhas entranhas. Reparem que belleza d'hortaliça é o contracto com o Williams! Até parece escripto por mim! —*Navarrão*.

Oh ceus, oh paiz, oh nunes! Oh Soisa, deixa vér os lumes que te forneceram o phosphoro para tão monumental obra! Dou-lhes a minha palavra d'honra que, desde que pertencem ao numero dos seres viventes, não tenho ideia de se haver feito uma coisa mais alevantadamente patriótica. E' de se lhe tirar o chapéu e chorar por mais! —*Mariano de Carvalho*.

Um raio me parta se não é verdade o contracto ter apenas de mau o não haver sido submettido á sancção parlamentar. —*Zé d'Alpoim*.

Divino, divino! Uma coisa assim só pôde ter sido feita no ceu, com assistencia de todos

os anjos, archanjos e cherubins! —*Sergio de Castro*.

Não sejam más linguas: o Soisa é um patriota e o Williams fez-nos um grande favor. —*Eduardo Burnoy*.

Pois sim, sim! Cantem que logo bebem! Se nós não temos dinheiro para construir o caminho de ferro á nossa custa, que malqueira é essa de não quererem que o inglez o construa? Ora tenham juizo! —*Magalhães Lima*.

Estamos roubados! Estamos vendidos! Estamos inglezados! Estamos vilipendiados! Estamos perdidos! E Deus não mandará que chova polvora durante tres dias no Terreiro do Paço e no fim da chuva venha um raio? —*Carneiro de Moura*.

Não posso estar junto de traidores á patria, porque os nervos se me agitam. V. ex.ª, sr. Pimentel Pinto, não faz favor de me mandar transferir para Evora? —*Paiva Couceiro*.

E acabou-se a marmellada.

Um vintem! . . . E é por um vintem que nós fornecemos aos leitores esta cabazada de superfina informação, que nenhuma outra gazeta lhes fornece, porque nós está em relações de — tu cá, tu lá — como nós com todas essas personagens, notaveis na politica, nas letras e nas tretas do paiz! Palavra d'honra que nos dá tentações de largar a penna, pegar na escova e na graxa e ir montar estabelecimento d'obra limpa para a Praça Nova ou Batalha. E d'ahí—quem sabe!—talvez ganhassemos mais depressa as esporas d'oiro com a graxa e a escova do que com a tinta e a penna.

Mas, entretanto, pensem os amigos leitores na sovinita do vintem por um naco de prosa tão appetitosa... não entrando em linha de conta os bonecos do Zero.

Quando será—desculpem a impertinencia da pergunta—que vossas senhorias alargarem os cordões á bolsa, declarando que estão dispostos a dar 25 reis pel'O Petardo?

## Noticia sensacional

A novidade que entre as curiosissimas «Noticias de Lisboa» deu o numero precedente d'O Petardo foi uma grande bomba que rebentou no mundo academico. Referimo-nos ás orelhas de burro como gracioso complemento d'um uniforme escolar ou collegial, no apuro da moda.

Como O Petardo é lido appetitosamente em todos os collegios de meninas, logo estas ficaram sófregas de saber se tambem para ellas haverá esse enfeite á venda em Lisboa. Com esta pergunta mais de trinta bilhetes postaes nos trouxe já o corceio da porta; e quantos outros não terão sido empalmados ou unhados e roídos pelos ratos de tantos correios! . . .

Temos feito trabalhar os telegraphos para satisfazer a taes perguntas, e podemos já publicar com segurança os seguintes informes:

1.º Para estudantes do sexo feminino não ha em parte alguma do mundo civilisado orelhas de burro.

2.º Ha orelhas de burra para senhoritas ou demoiselles que frequentam aulas publicas; mas só uma casa de Paris as vende.

3.º A mesma casa de Paris fornece, por preços modicos, para escolas primarias e collegios particulares orelhas de jumentinho, que servem perfeitamente a meninas de vestido curto e de rabicho sobre as costas.

4.º Não publicamos o nome da dicta casa, porque n'O Petardo não se admittem annuncios mercantils; mas dil-o-hemos particularmente ás pessoas interessadas, pois com mil vontades queremos servir a suas excellenciasinhas.

## Nariz valioso

Porque será que se diz  
D'uma coisa boa e rara  
Que vale os olhos da cara  
E não que vale o nariz?  
E' que se ignora a valia  
D'um nariz como esse teu;  
Milhões, por tê-lo, daria  
O mais ricaço judeu.

Ego.

## Historia contemporanea

## Carta do marinheiro soisa ao Navarrão

*Amigo querido*.—Venham de lá esses ossos, amigo querido! Agora, succeda o que succeder, unidinhos até á morte. Eu logo vi que o contracto para o caminho de Benguella havia de ser a ponte-terminus dos nossos suspiros. Acredita, meu caro, que fiz o que pude. O Williams não recalcitrava, aceitou tudo de carinha alegre. Mas se recalcitrasse, eu cá estava para o convencer. Eu salvei a minha honra, porque mostrei que servia para alguma coisa, apesar de tu teres dito o contrario; e tu mostraste mais uma vez o teu patriotismo e desinteresse approvando-me e felicitando o paiz por ter a honra de me possuir. Bem haja Deus que fez com que nós pensassemos pela mesma cabeça, unido-nos de novo, como outr'ora. O Alpoim está commoço, apesar de dizer o contrario. Olha lá que elle diz mal do contracto! Apenas diz, para não desmanchar a harmonia progressista, que eu o devia submeter á approvação do parlamento, antes de o assignar. E' musica parlamentarista, que tu conheces muito bem e que elle toca para salvar as apparencias. Emfim, nós, os tres, cá estamos. E agora, para a vida e para a morte!

Accepta um abraço do teu  
Soisa.

## Carta do Navarrão ao Soisa

*Amigo*.—Tu sabes, tão bem como eu, que não podíamos viver desunidos. Tu a puxares para a esquerda e eu para a direita, era, para nós dois, um canudo de tres assobios. Resolvi, pois, que puxassemos direitos. E não te fiz favor. Que diabo! Tu saiste mais florido do que eu esperava. Palavra d'honra que nunca pensei que, sem mim, fosses capaz de metter essa lança em Africa. Parabens! Fica sabendo que não quero que me proponhas para commissario regio ou coisa que o valha junto da Companhia de Benguella. Disse-o na gazeta e não volto com a palavra atraz. Pensa em mim, que eu prometto jámais ter-te longe do coração e da vista.

Teu  
Navarrão.

Pela copia,  
Gryce.

## Noticias de Lisboa

A doença das bexigas foi vencida pela bexiga da vaccinação geral. Um lisboeta preferia sempre bexigar a ser picado das bexigas.

—Nas nossas provincias ignora-se que um comestivel possa estar choco e fresco simultaneamente; mas em Lisboa todos o sabem e quem quer o experimenta. Por ahí andam, nesta côrte, as marinhões e varinas a vender lulas e apregoando *chocos frescos!* E' como quem diz: Luciano-Hintze, ou preto-branco, ou Mariano-Navarrão, ou rotativo-republicano.

—O nosso governo, sempre sollicito em fomentar o livre cambio, vai finalmente estabelecer um porto franco em Cascos de Rolhas. A instancias do nosso ministro no Rio do Janeiro, a republica do Brazil concedeu isenção de todos os impostos, no porto de Vasa-barris, a quaesquer embarcações procedentes de Portugal. O mesmo privilegio se espera obter brevemente nas alfandegas do Estado de Pantana, para onde a praça do Porto tem uma exportação excepcional.

—Os ultimos paquetes tem levado de Lisboa para diferentes portos da America e da Oceania importantes carregações de cascas d'alhos, mel coado e aguas de bacalhau. Esperam agora levantar cabeça e comprar titulos de Marquez os commerciantes dos dictos generos, descendentes quasi todos da melhor fidalguia portugueza e gallega.

—Correu pelos telephones e telegraphos que D. Pedro IV, esta noite, tinha cahido ao chão no meio do Rocio, que o rio Douro inundara um lado da Avenida e que o cavallo de D. José estava pegando o mormo ao Marquez de Pombal. Podemos asseverar aos leitores provincianos que tudo isto é falso. Com razão um escriptor antigo chamou a Lisboa patria de mentiras; e ainda nessa era não havia jornaes de grande circulação, nem agencia de reclamos.

—Todas as notabilidades de Lisboa e dos suburbios estão vaccinadas. Vaccinou-se o Braço de Prata; vaccinou-se o Camões, que ficou com o braço ao peito; vaccinou-se o Duque da Terceira; vaccinou-se o José Estevam, no braço direito, porque o esquerdo estava gesticulando contra as regras da oratoria; até se vaccinou o Sá da Bandeira no braço cortado.

## A' Vassoura do sr. Alpoim

(Humildes e respeitadas observações  
de um obscuro jornalista da vinha do Senhor)

Scopabo em in scopa  
Hei-de varrê-la com uma vassoura.  
(ISAÍAS, XIV-23.)

Senhora Vassoura: Ecos impertinentes me veem buzinando ao ouvido, ha uns tempos a esta parte, que v. senhoria—se não é este o tratamento devido á sua graça, releve-o á ignorância e rudeza d'este pobre aldeão, absolutamente desconhecedor das determinações e exigências complicadas da pragmatica—teem-me buzinado os taes ecos brejeiros, que v. senhoria se aparelha para, dentro em breve, entrar a preceito no exercicio da levantada missão a que a fadua a natureza.

Laudabilissimo empenho, illustre matrona. Mas tambem, espinhosa e arriscada missão!

Para levar a a bom termo, toma a liberdade de offerecer á vossa gentileza o seu desinteressado concurso este modesto cyreneu. E, sem mais preambulos, começo já a dizer da minha justiça.

Olhe, sr.ª Vassoura, se tivessees coragem para começar lá por casa a sua gloriosa tarefa, garanto-lhe que não lhe faltaria o que fazer... Encontraria cerebros emmaranhados e enredados em damnosas teias de aranha, e encontraria coraçõs bem pouco limpos, para se poder verificar n'elles a 6.ª das bemaventuranças. Mas não me atrevo a exigir um tão generoso sacrificio, que, aliás, lhe seria de utilidade summa, adestrando-a para mais alevantados committimentos.

Item: Sabem todos que, nos ultimos tempos se teem avolumado espantosamente as lamas fétidas que ha annos veem invadindo o Terreiro do Paço. E' urgente pôr termo á invasão, e arredar d'ali o lamarão pestilencial. Mas—sem offensa—tambem não julgo a sua bizzarria capaz de arcar com tanta materia varri-vel...

Demais, sei que as suas inclinações e propensões, a sua vocação, n'uma palavra, é toda para a Igreja, aonde a chama o seu zelo pela honra de Deus. Louvo e applaudo, sr.ª Vassoura. Tambem Jesus Christo—salva a devida reverencia e sem pretender estabelecer paralelo—tambem o Salvador pegou um dia n'um vergalho, e expulso do templo a cambada de vendilhões que o profanavam. Olhe, veneranda matrona, á falta de coisa melhor, poderia v. senhoria, até certo ponto, encarregar-se d'essa urgente e honrosa tarefa, correndo os vendilhões que fizeram do templo caverna de ladrões e agiotas. E os vendilhões fervilham numerosos, desde a luxuosa secretaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos, até ao gremio da junta de parochia da freguezia mais sertaneja d'esta Parvonia lusitana.

Por exemplo: E' posto a concurso o provimento de um beneficio ecclesiastico. Ao lado do sacerdote digno, zeloso, trabalhador, benemerito da Igreja, concorre tambem o padre devasso, o mandrião, o escandaloso, o galopin, o escravo da politica. E, o que é peor, succede muitas vezes que este é provido, com detrimento d'aquelle é grande mal da Religião, que é obrigada a pagar á sua custa os serviços feitos á politica. Mãos á obra, sr.ª Vassoura: atire-se aos politicos, entese-se, corra com elles, trabalhe ás avessas, se fór preciso, e prove-lhes praticamente que a impenetrabilidade é uma propriedade dos corpos.

(N. B.—Prevenindo possiveis melindres, sou a dizer-lhe que não haverá aqui sombra de provocação a duello, a qual, a dar-se, polluiria os arminhos da integridade virginal de uma consciencia immaculada, não por ser transgressão flagrante de uma lei da Igreja—um liberal sem mangra sorri de taes pequices—mas porque obrigaria um espirito forte a genuflectir, humilhado e contrito, aos pés do venerando representante de S. Santidade; o que, para mais completo desastre, até provocaria certo conflicto entre a voz do dever e a configuração bezerroidal de um illustre filho de nosso pae Adão.)

Outra coisa: Ha beneficios ecclesiasticos que rendem contos de reis, e ha outros cujos proventos, bem esprimidinhos, a custo darão

uns miseros dez reis de mel coado. Donde procede o haver ministros da Igreja que nadam na abundancia, e havê-os tambem que reputam fartura o poderem chamar sua a uma côdea, que lhes permita morrerem de fome só ao cabo de tres dias.—*Alius quidem esurit, alius autem ebrius est*—uns morrem de fome, enquanto outros arrebentam de fartos, como traduz o nosso mavioso Bernardes (que excellente vassoura, aquella, illustre matrona!...) Acabe com esta desigualdade da sorte mofina, sr.ª Vassoura!

E prsigamos. Ha abi umas entidades anacronicas e antiestheticas, pomposamente decoradas com a aleugua de *ministros dos negocios ecclesiasticos e da justiça*. Estes senhores, depois de se haverem arvorado em *papas* hirsutos, pretendem tambem por vezes assumir o papel de *papões*, para com os crentes que não vão á Missa com os de *cerebro e coração* (vossa gentileza entende-me). Subordinados a estes, ha uns outros typos, profundos conhecedores da *ebiotica*, os quaes, seguindo na piugada dos amos, e comquanto não cheguem sequer a *bispotes*, sentem, de quando em quando, as suas comichões de serem *bispos* da grei do Senhor. Veneranda matrona e impavida virago, a quem os propicios outorgaram tão altos destinos: cõrra-me com os marrufos; ponha tudo a direito, dê a Deus o que é de Deus e a Cesar o que lhe pertence.

Adiante.

Sr.ª Vassoura: ha por abi templos que são palheiros, e outros que nem a isso chegam, porque chove lá como na rua. Dê vossa bizzarria por lá uma volta acompanhada de um trolha e de seis carroças da camara municipal. E depois poderá cantar com mais razão do que o lirico romano:

*Erexi monumentum ere perennus.*

(N. B. Não dou a tradução d'este arrevezado latinorio, porque bem o dispensa a indiscutida competencia que vossa bizzarria tem adquirido, na convivencia intima com os ministros do Senhor desde os humildes abbades das visinhanças da Rêde, até ao illustre representante do Vigario de Christo.)

Mais, incomparavelmente muito mais, podia acrescentar ainda, sr.ª Vassoura. Mas, para não passar a importuno, depois de incorrer a pecha de irreverente, por aqui me cêrro, sem mais aquellas, rogando venia para o meu descôco.

De resto, se v. bizzarria fór capaz de desempenhar-se cabalmente da tarefa que abi fica ligeiramente esboçada, eu lhe juro, por estas barbas, que terei a coragem de entrar no panteon das glorias nacionaes, pôr no olho da rua todas aquellas celebridades e pôr depois escriptos na casa. E se as celebridades repontarem, lançarei mão de um camartello vingador, e as farei a todas em fanicos; e depois entregarei á vossa bizzarria conselheiral o sceptro ambicionado da gloriosa mansão da immortalidade.

Com o mais profundo acatamento me subscrevo

Servo e admirador,  
Argus.

P. S. Quanto a varrer o nacionalismo, dou de conselho a vossa gentileza que não se metta n'essas cavallarias tão altas; porque não só falharia o plano, mas seria mesmo arriscar-se a ver o feitiço voltar-se contra o feiteceiro.

A.

## O nome sem tom nem som...

—O' coisa, leste o hymno do *Petardo*?  
—Não; quem o fez?  
—Isso agora... Não t'o posso dizer.  
—Porquê? Não vem assignado?  
—Não; é uma assignatura sem tom nem som  
—Aposto que adivinho eu quem é; dá cá.  
—Não adivinhas; ora lê.  
—Esta agora! (?!) «...». Esta nem lembra ao... Hintze!

## Epitapho de Sileno

Quem erguer esta campá, achará podre,  
Um homem não, um formidavel odre.

I. Y.

## Noticias graudas

Muita gente fina espera gulosa o anno novo e o bolo dos Reis para ir á lava. O nosso amigo Hint Ze pôde contar com um verdadeiro bolo-rei que para esse fim lhe mandará *O Petardo*.

—Ha dias, na Praça de D. Pedro, o rev. Francisco José Patriocio esteve relatando a S. M. Imperial os progressos da regeneração em todo o paiz e particularmente n'esta cidade. Para prova notificou-lhe que já chegaram quasi ao Campo da Regeneração os meninos orphãos. O Imperador e Rei Soldado disse ao seu reverendo amigo que muito desejava ver os meninos orphãos a cavallo, ainda que houvesse na Praça Nova mosquitos por cordas. Era o que nos faltava vêr! Mas para isso e muito mais chega o zelo do novo Balthazar Guedes com a sua vontade de agradar ao dador da Carta a cavallo.

—Toda a cidade de Braga persiste na antiga costumeira de dormir com a porta aberta. Parece impossivel!

—A lingua portugueza está perdida! Dizem de Villa Real de Traz-os-montes que os gatunos ali chamam-se uns aos outros *mandarins*. Eis-aqui como as mixordias politicas tambem corrompem e falsificam a linguagem castiça dos trasmontanos.

—Uma senhora d'esta cidade denunciou á policia o seu proprio gato que lhe furto uma posta de pescada frita e se escapuliu com ella. Foi respondido á queixosa que a policia capturar os gatunos, mas não os galos. E se o gato tambem é gatuno? Os codigos não previram esse caso; mas sabemos que está sendo estudado pela *Sociedade dos animaes domesticos*, na qual já se levantou o alvitre de fundar uma casa de correção para pulgas e persevejos, não sendo menos necessaria para gatos, ratos e ratazanas.

—Alguns caçadores d'esta cidade teem apanhado *gamosinos* em varias moitas dos arrabaldes; outros mais felizes teem caçado passaros bisnaus sem sahirem do Porto. E' pena que taes *espécimes* não figurassem na exposição avicola.

—Annuncia-se para breve o apparecimento da «Urna pestifera» livro de medicina transcendental, dado á luz n'uma laboriosa parturición de *rabbi* Jacob Barbudo, d'esse monstro... de sciencia, que inventou a peste bubonico-triparia para dar vida e saude aos mercantes portuenses. O portentoso livro tem um anteloquo escripto em hespanhol por Navarrão, um psalmo composto em hebraico por um redactor do *Diario da Tarde* e uma prophacia de *rabbi* Benoliel sobre o futuro da tribu de Judá em Portugal.

## Nome bem posto

Usando o seu direito de padrinho Muito pensou Albino para pôr Um nome bem cumprido ao afilhado; Chamou-lhe em-fim *Nabucodonosor*: E digam lá que não foi bem achado. Mas, encurtando o nome com carinho, *Nabi* lhe chama o pae, e a mãe *Nabino*.  
Ego.

## Anciedade legitima

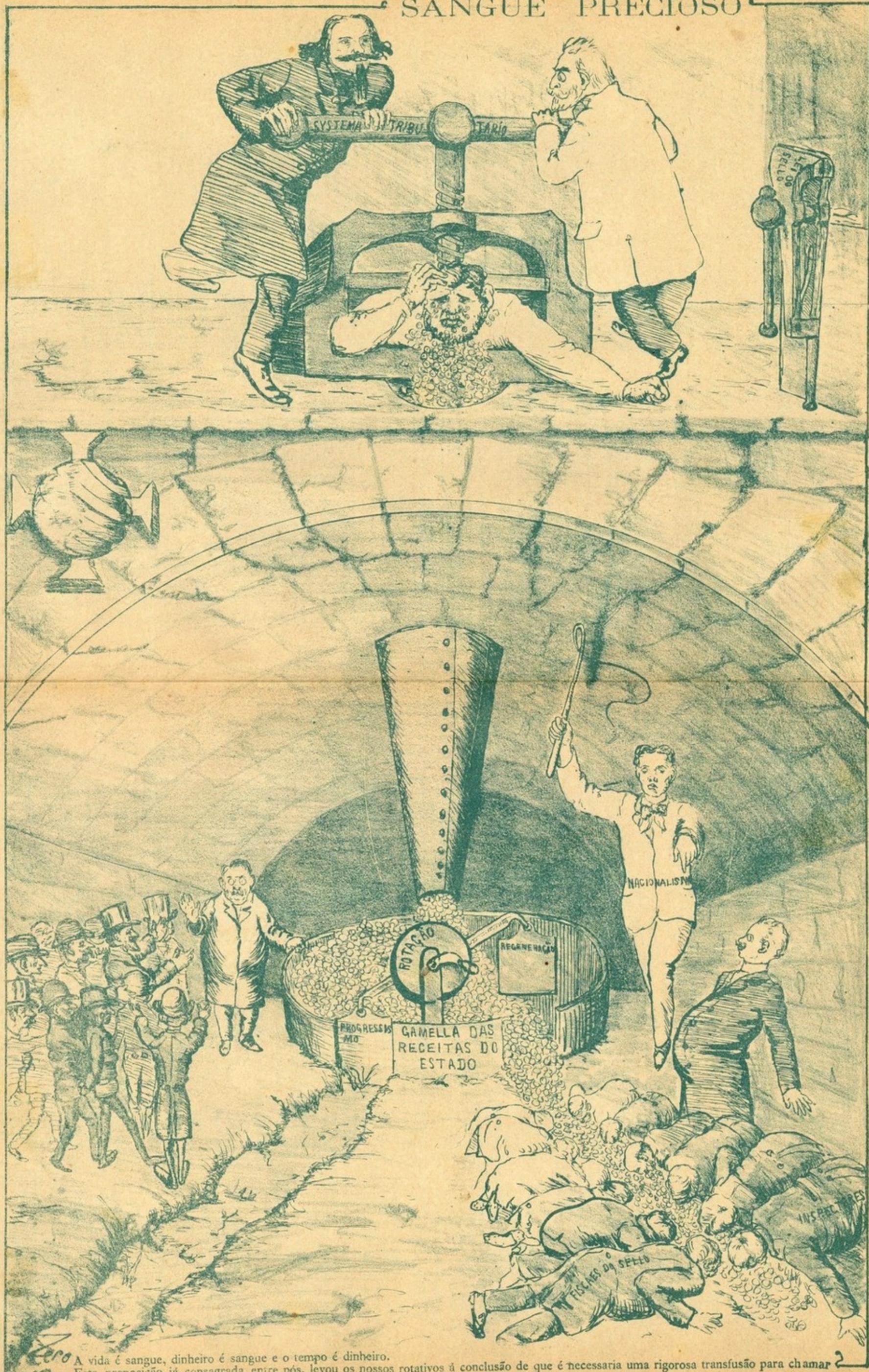
Um velho humorista americano, Marc Twain, conta nos seguintes termos as angustias da sua vida:

«Nascemos dois irmãos gêmeos, Harry e Marc, com um pequeno intervalo, mas com uma tal similhaça que era difficil differenciar-nos. Um dia, quando nós davam banho, afogou-se um dos dois. Mas, por causa da similhaça, nunca foi possivel determinar se era Marc ou Harry.—E assim se tem passado a minha vida toda, na anciedade de saber se foi meu irmão que morreu, ou se fui eu.»

Nota.—Entre nós tambem se teem dado factos identicos. Assim, o sr. Hintze Ribeiro ignora ás vezes quem é que vae empunhando o leme da barcaça governativa: se é elle ou se é o sr. José Luciano.

Argus.

# SANGUE PRECIOSO



A vida é sangue, dinheiro é sangue e o tempo é dinheiro. Esta proposição já consagrada entre nós, levou os nossos rotativos à conclusão de que é necessária uma rigorosa transfusão para chamar à vida esta nação dessorada. Em conformidade com tão elevado pensamento, montou-se uma perfeita e complicada machina tributaria, entre os pratos da qual se col-

## Informações secretas

Na rua das Aguas, em Braga, corre vinho de contrabando. Já alli se teem cozido peruas em chá de parreira. Tudo por falta d'agua no rio.

—Pensa-se n'esta cidade em erguer sobre o grandioso campanario de Cedofeita uma estatua do sabio cidadão Sou-um-gajo, a quem o templo do Supremo Architecto deve serviços impagaveis.

—Chamadós pelo telegrapho, reuniram em Lisboa, no palacio dos Machadinhos, os maiores influentes do concelho de Setubal. D'alli o conselheiro Mariolano expediou os seus enviados a Seca e Meca e Marateca. Tambem mandou a Palmella o celebre Baptista. Embora todo o mundo creia que andam em jogo os interesses do municipio de Setubal, é nossa opinião publica que o sr. Mariolano trata só dos seus interesses.

—O nosso amigo Lobo tem ferrado muitos cães; mas, felizmente, não está damnado.

—O distincto gastronomo sr. Leitão, que prefere o lombo de seu pae a todos os pratos do mundo, foi enganado em casa d'um medico israelita com lombo de vitella; mas ao terceiro bocado, conhecendo o logro, sustentou os creditos da sua familia, sem advertir que as meninas judias o tinham entre dentes já elevado á categoria de p. rico.

—Os chefes de policia no Porto, andam todos com cara de caso. Acaso dar-se-ha o caso de termos algum caso? Em todo o caso é caso de nos prevenirmos para qualquer caso. E se for por acaso um casorio? Vamos já para casa indagar do caso.

—Está nas ultimas um pobre velho, conhecido de toda a gente, a quem chamam o *Dois do Seculo*. Nenhum medico lhe dá mais de dezasseis dias de vida.

## Progresso

Roubar nas estradas, em noite mui escura, E' crime de forza nos tempos d'agora; Roubar um pataco, que é o mais que se apura, Já basta p'ra pena de andar lá p'ra fóra.

*Um roubol* se chama a qualquer cinco reis Que um pobre esfaimado tirou n'um repente; E um rico que rouba um conto e até seis, Um simples *alcançe* se chama sómente.

Os pobres p'ra a jaula, que os ricos passeiam; P'ra pobres o exilio, p'ra os ricos medalhas; P'ra os pobres a forza, que os ricos campeiam, Bem certos d'escapar da lei p'las malhas.

Eu cá, ao ver isto, vou pôr-me a ladrão E uns poucos de contos bifar para mim. Um *simples alcançe* as gazetas dirão, E fazem-me logo, por paga, barão E enviam-me á China para ser mandarim.

Nicles.

## Interview

### O jantar do Soisa

—V. ex.<sup>a</sup> assistiu ao jantar offerecido pelo Soisa das aguas a Roberto Villiams?

—Tive essa honra.

—Esteve animado?

—Muito.

—Quem estava presente?

—O lord ..

—Poderá não! Quem mais?

—D. Audacia e seu marido, D. Astucia, D. Secreta, e muitos cavalheiros da privança do *marinheiro*.

—Não conheço essas damas.

—Não tenha pena; mas olhe que não apparecem muito na roda politica.

—E não estava presente a D. Angela, e seus filhos? Esta senhora não se recommenda pela figura... mas é rica, e hoje só brilha e tem consideração quem é rico.

—D. Angela! Pobrê senhora! Foi, ha pouco, como noticiaram os jornaes, victima d'um assalto...

—Um assalto! Que foi?

—Pois não sabe? Os malfeteiros assaltaram-lhe a casa, roubaram-na, e por fim rasgaram-lhe as entranhas.

—Que atrocidade! Que horror! E aquelle velho venerando, de longas barbas brancas, que todos nós respeitamos, o velho Portugal?

—Esse, ralado de desgostos, pobre, acabrunhado e triste, já não apparece.

—Mas é fidalgo.

—Sim, é fidalgo, e dos de mais nobre linhagem; mas os desvarios de desnaturados filhos o reduziram á pobreza e miseria. Como recordação de tempos passados, algumas joias ainda lhe re-tavam; mas, ha dias, lhe arrebataram uma das mais ricas.

—N'uma reunião tão luzida, admiro não vêr D. Vergonha.

—E' uma pudibunda senhora; mas incompativel com as personagens ahí presentes.

—Dos brindes, que me conta?

—Foram cordeaes, amaveis em extremo. —O primeiro do Soisa a lord Villiams, o segundo de lord Villiams ao Soisa.

—Em portuguez ou inglez?

—Se quer que lhe diga, são sei que lingua era. O lord, n'aquellas alturas, já estava entre as dez e as onze, e agarrando-se á cadeira, dando murros brutaes na mesa, e arrepeços na D. Secreta, resmungou:

*Eu bêbe á saúde de tolos que fizeram a re-  
quessa d'inglêz. Inglêz fique obregado a sênor  
Texêra de Coisa, e a tolo ministro plos melões  
que mittêram á alqubreira inglêz.*

la para beber, e, como besta que não pode com a carga, caiu estatelado no chão.

E tudo concluiu pela maior das bambochatas, como bambochata fóra tudo o que se conjurára no gabinete do Terreiro do Paço.

—O' papá—dizia o filhinho do Soisa das Aguas vendo entrar o lord Villiams na sala—este é o homem do *lobito*?

O nome ficou gravado na memoria da creança, á força de o ouvir tantas vezes.

—Qual lobito?

—O d'Angola?

O pae percebeu logo.

—E' sim. E depois...

A creancinha começou a chorar, e agarrando-se ao pae dizia: «tenho medo, papá. Tenho medo.»

O menino, sem saber, dava uma lição ao pae, que não a tomou. Amargará a audacia.

## Muita uva e... pouco bago...

—Temos obra,—diz o leitor assisado;—sempre ouvi dizer: muita parra e pouca uva; mas *muita uva e . . . pouco bago* nem se percebe, nem nunca se disse.

Tem razão o leitor; dupla razão; carradas da dicta, como vae ver.

Ha dias achei-me n'uma reunião em Paris de França. Bisbilhotava-se francezmente sobre a patria de cada um. Ao fallar-se de Portugal, interrogaram-me sobre as fontes de receita da nossa terra. Como bom patriota, aladainhei logo ali todos os nossos productos coloniaes e metropolitanos e terminei dizendo:

—Vinhos! isso então vinhos *c'est une chose de louer á Dieu!* Temos *beauc. up* Cartaxo, *beaucoup* Carcavellos, *beaucoup* binho berde, *beaucoup* Porto, *en somme* muita uva...

—E pouco bago...—atallou d'alli um *espiritoso* francez.

Effectivamente era um dos credores externos.

Tem razão o leitor; que Portugal é pobre, só agora se ouve dizer; e que tendo muita uva seja pobre, não se percebe.

Ou melhor: percebe-se; é que os productos da vindima não entram nos tintos da nação. E' o que succede ás nações sem tino! Triste destino! Abaixo as rimas em *ino!* A nação vae n'um sino! E toca o hymno!

(?!, . . .).

## Adeus á Pasta

(DO CANCELLEIRO HINTZAGEO)

(Parodia á «Partida» de Soares de Passos)

Escreve-nos de Lisboa um nosso amigo:

«Um interessante grupo de rapazes da pandega acaba de percorrer as principaes ruas e largos, na ultima noite, com uma harmoniosa serenata.

De todos os numeros, que foram magistralmente executados, o que mais attrahiu os mirrones foi o «Adeus á Pasta». E' uma peça de fino gosto acompanhada em *fá menor*. Não havia nem podia haver coração por mais empedernido que fosse, que não se sentisse vergado aos inimitaveis requiebroes de voz do assaz conhecido borguista Hint-Ze. A letra é assim:

Como foram tão breves os dias  
Que te trouxe no braço a meu lado;  
Está perto o momento *fadado*  
Vou emfim, vou *deixar-te e partir*.  
Oh! que lindos, que bellos não foram  
Estes dias de grande *ventura!*  
Mas agora **já sinto** a *amargura*  
Que os da *ausencia* vão ter no *porvir*.

Olho em roda! . . . que forças *virentes*  
Alli vejo cobertas d'*encantos* . . .  
Para cá só vem *gélidos mantos*  
Bem os vejo decendo *d'além*.  
Está triste meu peito e *gelado*  
E' jardim a que faltam *flores*:  
Se tu, Pasta, tu morres d'*amores*  
Eu, por ti, por ti morro *tambem*.

E quem sabe . . . talvez o *destino*  
Me não deixe abraçar-te na *volta!* . . .  
Pois é certo que a *vaga revolta*  
Levará para longe o *baizel*.  
Governei-o *sem norte e sem rumo*,  
Ai meu Deus! Como fomos *funestos* . . .  
Só me fica inda pena dos *restos*  
Que se vão já sumir no *parcel*.

Trago sempre uma *ideia sombria*  
O **convento** . . . o maior *desalento*;  
Foi p'ra mim n'esta vida um *tormento*  
E na morte . . . e na morte . . . *talvez!*  
Eu **já sinto** cerram-se os *labios!*  
De eu voltar ninguém *sperança alimente*.  
Se eu podesse inda á *quadra virente*  
Regressar, regressar *outra vez* . . .  
.....

Se depois só os outros *voltarem*  
E' porque eu estou morto, *sem vida*;  
Chora pois sobre a *tumba esquecida*,  
Pasta minha, o meu *longo dormir*.  
Já me pesa o *gelado outono*,  
Tombarei como *tomba o olmeiro!*  
Lembra, Pasta, o *adeus derradeiro*  
Este adeus que te deixo *ao partir*.

Tudo isto foi devidamente apreciado.

O madamismo lisbonense arrastou-se todo para as janellas. Na casa de S. Bento appareceram com ricos decotes as Ex.<sup>mas</sup> Pastas e então viram-se correr lagrimas. Quando o Sr. Cam Pôs Henriques fez ouvir o seu admiravel soprano dirigindo á sua *ella* da Justiça um melancholico *recuerdo* tirado de «Las Baragas Musicales» de D. José Erviti, houve um lastimavel incidente. Um patusco qualquer, um Alfoim de tal, que dizem não gostar da *dita cuja* e que já em tempo lhe fez a sua *côrte*, mordido pelo negro ciúme, baixou-se e ouviu-se um medonho *crocle* na cabeça do Cam. Foi pedra que o maroto atirou. A Justiça teve *cheliqe*, as manas um *ai Jesus* e cá fóra grande *balburdia*.

Assim termina tudo quando reina Baccho.»

Abel.

Oiçam esta os fardalhões:  
«No tempo das illusões  
Punham-se os ladrões nas cruzes;  
Mas no seculo das luzes  
Põe-se as cruzes nos ladrões.»

## O diabo do garoto

—Dei hontem sorte com o diabo d'um garoto que me perseguiu de manhã á noite, na rua, no café, no theatro, á saída do hotel, e até —vejam lá!— á saída da casinha. Cheguei a suspeitar do rapaz, cheguei a vêr n'elle um agente da secreta; mas eu não tinha consciencia de ter committido algum crime, e puz de parte esse pensamento.

Vosselencias não imaginam; em toda a parte me apparecia o ferrabraz a perguntar com uma cara muito atrevida e provocadora:

—«O sr. doutor, dê-me meio tostão que eu dou-lhe uma barrigada de riso».

A principio não fiz caso, dei-o ao desprezo, como costume fazer a tantos importunos que me assaltam na rua; mas depois, intrigado com a historia, e resolvido a dar-lhe um par de sócos, disse-lhe:

—Que queres tu, rapaz?

—Que me dê meio tostão por uma barrigada de riso.

Corri para elle com o braço levantado.

—Olha que te vae! . . .

O maldito não se assustou nada, e em tom galhofeiro acrescentou:

—Olha que não te ris! . . .

—O rapaz, tu, se não és filho de judeu, pa-reces. Toma lá meio tostão. E agora?

—Agora accete este *Almanaque*.

—Ah! ladrão que me enganaste!

—Não, senhor, não enganei. Leia-o e depois fale cá com o méco.

E, dito isto, lá se foi, saltando e gritando: —«Quem se quer rir por meio tostão? Não ha coisa mais interessante!»

Effectivamente o garoto tinha razão. Em plena rua não me furtei a dar estridente gargalhada pelas historias do *Almanaque do operario*, por signal que uma senhora que ia na frente deu enorme cavacão julgando que me ria d'ella.

Fui para contar uma d'essas anedotas a um amigo, o riso apertou commigo, não pude dizer nada.

Leiam-no todos; leiam-no, e verão se exagero.

## Apresentação

Sou novo no scenario. Tenho tirocinio de menos e audacia de mais. Sinto em mim uma força de laracha tão grande, que... talvez V. Ex.<sup>ta</sup> lhe não achem graça alguma! E' porque teem fracos gostos, e de gostos não se discute.—*De gustibus* . . .

Oriundo da aldeia de Paio Pires, dou pelo chamadoiro de Paio. Sou homem d'importancia; e, se ainda não fui regedor, é porque tive o descédo de me declarar nacionalista; e bem sabem que os nacionalistas estão mortos... por falta de quinonices, e bem mortos, que assim o declarou o... Alpoim.

Tambem leio as gazetas, nas horas vagas, e fico edificado com o que n'ellas soletro. Só não posso levar a bem que andem, algumas, a tosar implacavelmente os rotativos. Que injustiça! Pois ha, porventura, homens mais honestos, independentes e correctos?

Ora ponham os olhos de ver, ali, no Pimenta el Pinto. Como os maldizentes, esses almas de cantaro, teem cevado n'elle a lingua viperina! Elle, dizem, é o Festas, amigo do foguetorio e zabumba,—elle é vaidoso, gosta d'incenso,—elle é orgulhoso, quer figurar... e tal, etc.

São más linguas! Nada d'isso é, affirmo-lh'o eu; e o que eu digo vale uma escriptura.

Mas... é desnecessaria a minha defeza. E' o proprio que se incumbe de os desmentir. Pois não leram a noticia de que, offerecendo o governo francez ao nosso heroe o officialato da Legião d'Honra, elle, o independente, o humilde, o recusou?

E pode chamar-se vaidoso, orgulhoso, *et reliqua*, a um homem que assim declina honrarias?

...Mas, vão lá calar os maldizentes! Até esta bonita acção do Pimenta el Pinto censuram! Que, dizem, acha pouco para tão alto merecimento.

E querem saber o melhor? Abordou a esta aldeia um quidam, que, pela má lingua, parece dos das gazetas, e diz que a verdadeira razão da recusa é a convicção, em que está o Pimenta el Pinto, de que a Legião d'Honra não lhe está a caracter... que é enfeitar-se com pennas de pavão... que não lhe fica bem... . . .

E esta? Ora o dianho do homem! . . .

Paio.

## Hic jacet Seph-Cachuchus

R. I. P.

(Piada ao «Correio de Casa»)

Leitor, que lendo este «Petardo» passa No paroxismo da laracha absorto, Limpe uma lagrima no *alcoabaça* Pelo primeiro petardista morto!

Foi *Zé-Cachucho* meu honrado nome Emquanto não desci á campã fria! Quiz esconder-me n'elle... *atraçou-me* Quem o segredo conservar devia.

Ignotos vivem todos... o *Pontinhos* O *Trinea-Espinhas*, o *Thomaz*, o *Gryce*... Desappareço eu só!! Levai-me, anjinhos Em sacrificio de tagarelice!

Não mais tal nome no jornal verão: Resurgirei com outro á vida nova. Roubem, porém, meu nome á podridão *Attico sal* deitando n'esta cova... . . .

*Zé Cachucho*.

## Correio de casa

**Alcibiades.**—Saude, pintos e fraternidade! Vá-se com Nossa Senhora, homem, e gaste o tempo em coisas mais uteis. Cá, ainda que mande um cento d'assignaturas, não tem entrada. E' preciso outro passaporte... . . .

Olhe lá, Alcibiades: empresta-nos vossa mercê o seu cão para lhe cortarmos a cauda quando fór mister? E' um bom presente, que lhe agradeceremos... se o cão fór de raça e não algum pobre fraldeiqueiro vagabundo.

**Rosca-fresca.**—Só gostamos d'ella se é de Vallongo. Ora, como a sua é de Melcoes, não a queremos, porque lhe não pudemos metter o dente. Que raio de massa você arranjou para a fabricar. Caticha!

**Papa-Fiva.**—Será, não diremos menos d'isso, mas lá para si e para os amigos, que o aturam. Para nós é papa tão grossa que não conseguimos, apesar de começar a amaciar-a, que nos passasse do gorgomillo. Está, por isso, condemnada a morrer no limbo dos papeis velhos. Não desanime, porém. Corra mais vezes com o cantaro á fonte, porque, se lhe não quebrar a asa depressa, pôde ser que um dia consiga encher-o. E ás ordens.

**Morgesso.**—Sim, senhor, tem muita razão, mas falta-lhe a justiça. Fique sabendo que primeiro nós e depois vós. Nós são os da casa e os seus amigos e conhecidos, e vós os que nos entram pela porta dentro embuçados. A sua praga serve, mas só irá quando não houver abundancia da nossa. Espere, pois, que saber esperar com paciencia e resignação é uma grande virtude.

**Castanha.**—A sua, amigo, tem bicho e... mais alguma coisa. Assim não nos appareça, que é feio. Se o Castanha, que supponho delicado, não é capaz de dizer deante de pessoas limpas o que escreveu, como é que tem o descoco de mandar para a imprensa, que é lida por pessoas serias, a sua avariada prosa? Ora pense um pouco e verá que fez tolice. Pôde rir-se, nós queremos mesmo que se ria, mas a modo, não destemperadamente, respei-

tando-se a si e aos outros, principalmente aos outros.

**Lina Fina.**—Tu não és a Lina Fina, Bertoldo. A Lina Fina conhecemos nós como as nossas mãos. Escreve numa calligraphia que faria inveja ao Carlos Silva e a tua é peor do que a do Alves Mendes. Quem rouba um pseudonymo, tambem é capaz de nos impingir gato por lebre. Rua, pois!

**Calcinhas.**—Que nos importa que v. s.<sup>a</sup> embirre com a nossa orthographia? Nós cá vamos um pouco pela etimologica. V. s.<sup>a</sup> gosta mais da sonica? Pois use-a, que o não mandaremos prender por isso. E assim como nos não importa que v. s.<sup>a</sup> escreva *çapato*, entendemos que v. s.<sup>a</sup> não tem que metter o nariz no nosso gosto se nós escrevemos *philosopho*, e não *filosofo*, como o cavalheiro quer.

Sempre ha cada maluco por esse mundo de Christo!

## Charadas furadas ou syncopadas

Hão-de custar á adivinhar.

2—Faz expirar scena do mar—3

3—Scena do mar para enganar—2

4—Para enganar anda a furar—2

Lina Fina.

## Logogrifo

Oh! tu que existes 6, 7, 9, 4

E andas pelo chão 1, 10, 9, 17

Pertencias á igreja 3, 17, 5, 2, 13

Ou a esta região? 16, 14, 7, 17

Da musica és alma 1, 17, 9, 8, 9, 17

Tambem podes matar. 5, 12, 3, 4, 7, 10

Pratico a caridade assim 11, 14, 15

Para no ceu ter logar.

Queres tu o conceito?

Trata de o procurar;

Amigo dos operarios

Será até acabar.

Bapta.

## Paciencia

Achar um nome que seja ao mesmo tempo appellido, rio, instrumento, fructo e verbo.

## Charada

No mar, e no alphabeto grego, este animal é um manjar.—1—1—1.

No ninho este animal é repouso.—2—2.

Bapta.

## Logogrifo

Decifrações do n.º 11—Jesuita, Metamorphoses—1.º—Porto que dá porco —2.º—upa que dá uva.

Será assim? . . .

Bapta.

## Enigma

(Do numero anterior)

Decifração:—**Arapapa**.

# EMIGRAÇÃO DE LOBOS



A Africa vae deixando de ser um lugar de expiação para o ser de recompensas.  
O paiz está nadando em ouro que já se não pode consumir na metropole, sendo preciso abrir um canal até Angola onde inspectores e administradores famintos vão locupletar-se na ociosidade com o que tão fraca e pensosamente se produz aqui.

Desgraçados lobos! reparaes que ides enfraquecer mais e mais a victima que o leopardo tem entre as unhas!